

GARCIA DA ORTA

Esquecido Pioneiro do Conhecimento Experimental

A SITUAÇÃO GERAL

Garcia da Orta é bastante conhecido no nosso país porque há várias Instituições Públicas com o seu nome – desde Escolas Secundárias a Hospitais, para nada dizer de ruas, praças, hotéis, etc. Alguns sabem mesmo que ele foi um Médico em tempos de antanho.

Na verdade, Garcia da Orta foi um dos mais notórios investigadores de Medicina na “Época de Ouro” da expansão e conquistas Portuguesas através do Mundo.

Para colocar as coisas em perspectiva é preciso dizer que a “Matéria Médica” do Século XVI não era muito diferente do conhecimento – e prática – da Idade Média. Na realidade, a Medicina, como “Teoria da Doença e Prática Terapêutica” tinha recuado fortemente do conhecimento legado pelas culturas Greco-Romana e Árabe.

O ensino da Medicina era governado pela escolástica com raras e esporádicas influências de mentes inquisitivas em algumas Escolas, como Salerno, Bolonha, Pádua, Montpellier, Paris, Oxford, Salamanca e Alcalá de Henares.

A prática da Medicina era influenciada pelo dogmatismo, superstição e astrologia. O diagnóstico praticamente limitado à observação das “águas” (urina) e ao “pulso”. A terapêutica corrente baseava-se fortemente em purgação e sangria. O conhecimento da anatomia e fisiologia humanas era fragmentário como resultado da Igreja terminantemente proibir a dissecação de cadáveres humanos.

Princípios básicos de higiene pessoal e social foram, também, perdidos dos hábitos Greco-Romanos e Árabes, tão cuidadosos em banhos públicos e tratamentos do corpo, com latrinas e sistemas de esgotos.

Incidentalmente, a pregação religiosa prevalecente afirmava que não existia nenhuma razão válida para que um Cristão se banhasse para além do baptismo.

Os Tempos de Garcia da Orta

Garcia da Orta, de acordo com alguns autores, nasceu em Castelo de Vide, enquanto outros indicam Elvas, cerca de 1499. Os seus pais – Fernando (Isaac) da Orta e Leonor Gomes – eram de origem espanhola e refugiaram-se em Portugal quando os Reis Católicos de Espanha baniram os Judeus do país. Em Portugal, como consequência do Édito do Rei D. Manuel I, tornaram-se católicos e engrossaram o grupo conhecido por “Cristãos Novos”.

De qualquer modo, ele era um nativo do Alentejo e na análise profunda de Garcia da Orta o erudito Professor de Botânica da Escola Politécnica de Lisboa Conde de Ficalho⁽¹⁾ defende que a sua personalidade reflete traços correntes em pessoas daquela nossa Província: “Um fino cepticismo, temperado por bom humor, criticismo pachorrento mas gracioso, contudo sarcástico”.

Sabe-se que após os estudos básicos Garcia da Orta foi para Espanha para estudar Medicina na famosa Universidade de Salamanca.

Salamanca daquele tempo era um dos mais reconhecidos centros de estudo da Europa, por vezes referida como a “Nova Atenas”, com sete mil alunos, por vezes mesmos mais. A Universidade era profundamente protegida por Isabel a Católica, ela própria ansiosa por aprender e se instruir, ao ponto de ter chamado para a sua corte uma mulher, Beatriz de Galindo, a “Latina” famosa pelo seu conhecimento de vários idiomas e da literatura clássica.

A influência da Rainha foi determinante para que várias mulheres ensinassem nas Universidades de Salamanca e de Alcalá de Henares durante o seu tempo, uma abertura que rapidamente se perdeu nos anos subsequentes.

Não existem documentos para mostrar se Garcia da Orta recebeu seu diploma de Medicina em Salamanca, ou em Alcalá. Os historiadores estão divididos sobre o assunto, mas o que é certo é que ele estudou Medicina também em Alcalá porque ele mesmo o relata.

A Universidade de Alcalá de Henares apareceu alguns anos antes, devido às acções de um homem - Francisco Xavier de Cisneros, nascido pobre em Alcalá e mais tarde estudante em Salamanca onde trabalhou em muitos empregos para subsistir. Ele tomou o hábito de S. Francisco e, devido a seus sermões e escritos brilhantes foi chamado para o prestigiado e importante cargo de confessor da Rainha. Mais tarde tornou-se Bispo, depois Cardeal e foi mesmo Regente do Reino. No ano de 1498 foi ele que lançou a primeira pedra para o edifício da Universidade, a qual rapidamente tornou-se um famoso Centro de conhecimento.

Sabe-se que Garcia da Orta recebeu o grau de " licenciado " e não um Doutoramento. Se ele não procurou o grau mais elevado, não foi certamente por falta de capacidade intelectual, mas sim por escassez de meios. De facto, um Doutorando em Salamanca, como sabemos a partir dos Estatutos da Universidade naquele tempo, era imposta uma enorme carga financeira sobre quem atingia essa distinção. O Doutorando devia suportar todas as cerimónias, a construção e ornamentação da plataforma para o exame, um cortejo a cavalo de todos os Acadêmicos através das principais ruas da cidade, com bandeiras, trombetas e tambores; uma tourada brilhante - e tudo isso com vitualhas para aplacar o apetite mais exigente!

Este tipo de despesas não podia ser suportado pelos escassos meios de Garcia da Orta. Mesmo para obter o primeiro grau não era sem consideráveis despesas.

O estudante tinha que oferecer a cada um dos Examinadores duas moedas de ouro, uma tocha cerimonial, uma caixa de diacitron⁽²⁾, um quilo de doces e três galinhas. Como o exame era previsível durar até tarde da noite, o estudante tinha de propiciar uma ceia onde deveria haver um frango, ou uma perdiz, ou duas pombas para cada um dos hóspedes, uma tigela de " manjar branco ", duas frutas para cada um, além de pão e vinho *quantum satis* para todos. Este era o menu regulamentar que, por tradição, era

generosamente excedido.

Garcia da Orta retornou a Portugal muito provavelmente em 1525 para exercer a Medicina em Castelo de Vide. Existem dois documentos importantes para saber que por 1526 Garcia da Orta viveu naquela Vila.

Usemos um parêntesis para explicar um ponto interessante. Existia um Decreto de D. João I que proibida a utilização de mulas ou jumentos para o transporte de pessoas. Subjacente a esta proibição estava o desejo - e a necessidade - de promover a criação de bons cavalos, tão necessário para a guerra. Essas determinações foram mantidos em vigor pelos Reis subsequentes e o austero e até cruel D. João II decidiu proibir totalmente o uso de muares. Isto deu origem a um conflito com os Clérigos do Norte que estavam habituados a usarem mulas, considerando um privilégio consentido. Dado que o Rei João II, como político hábil e astuto, afastou-se de um conflito com Roma e permitiu que os Clérigos usassem mulas. No entanto, ele enviou pregoeiros para todo o Reino anunciando que alguém que se atrevesse a usar a mula de um Clérigo seria condenado à morte! Esta determinação terminou com qualquer veleidade sobre o assunto, pois todos sabiam que o Rei não hesitava para impor suas decisões!

A Vida De Garcia da Orta

Devido a este Edital, ainda em efeito no seu tempo, Garcia de Orta pediu permissão para andar de muar para o exercício de sua profissão médica, e o documento, datado de Abril de 1526, dando-lhe autorização para fazê-lo claramente diz " lecenceado garcia dorta, médico Residente em Castelo de Vide ".

O outro documento refere-se ao reconhecimento da sua capacidade como médico. Desde os tempos de D. João I que qualquer pessoa, " homem ou mulher, Cristão, Judeu ou Mouro " que pretendesse exercer medicina, tinha de previamente ser submetido a um exame pelo Médico Real. Garcia de Orta foi para Lisboa para submeter-se a exame com Diogo Lopes, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Médico Real, naquela época. Pode-se imaginar que, acabado de retornar da famosa Escola de Salamanca, fácil lhe foi conseguir permissão para a prática da Medicina e esta foi oficialmente concedido em um documento, também autorgado em Abril de 1526 .

Mais tarde, Garcia da Orta deslocou-se para Lisboa, possivelmente por começarem os Cristãos-Novos a serem incomodados em Castelo de Vide. Aí encontrou o seu conhecido e poderoso nobre Martin Afonso de Sousa. Conseguiu ser nomeado para leccionar na Universidade (então sediada em Lisboa), certamente por influência daquele nobre, porque quando peticionário pela primeira vez foi rejeitado, muito provavelmente devido à sua condição de "Cristão-Novo".

Martin Afonso de Sousa era um aristocrata de muito alta linhagem, e tutor do duque de Bragança; era filho de Lopo de Sousa, Mestre de Prado, Pavia e Baltar, Alcaide de Bragança.

A maioria dos historiadores acha que parentes de Garcia da Orta, muito provavelmente até mesmo seus pais, serviram essa poderosa família nobre dos de Sousa.

Martin Afonso de Sousa estava a serviço do príncipe herdeiro João, mais tarde D. João III e tinha tanta influência sobre ele que o pai do Príncipe, D. Manuel I, exilou-o da corte (juntamente com outro favorito do Príncipe, seu Primo, António de Atayde) .

Martin Afonso de Sousa retirou-se para Espanha e viveu em Salamanca onde se pensa terá reencontrado o seu conhecido de infância, Garcia da Orta.

No entanto, sua afiliação à Universidade Portuguesa não foi por muito tempo, dado ter partido para Goa no ano de 1534. Pode-se imaginar que o ambiente social para os " Cristãos-Novos " não seria propriamente agradável, ainda que o Édito de Manuel I, que obrigou todos os Judeus ao baptismo, promettesse claramente que eles iriam gozar de cinquenta anos de paz.

Na Espanha fogos eram atizados por todo o país, para dar a morte aqueles que eram condenados pela Inquisição. A situação em Portugal agravou-se com a introdução da Inquisição em 1536, por D. João III e a adoção pelos Bispos Portugueses dos princípios conhecidos por Contra- Reforma.

De qualquer modo, em 12 de Março de 1534, Garcia da Orta e sua família partiu para Goa no séquito de Martin Afonso de Sousa, que fora investido no cargo de Capitão-Mor dos Mares da Índia e, mais tarde, no cargo de Vice- Rei.

Em muitos lugares de seu livro Garcia Orta dá conhecimento de sua afiliação à Casa de Martin Afonso de Sousa, que repetidamente diz servir. Isto deve ter sido de grande ajuda para singrar na sociedade da Goa Portuguesa do Século XVI.

De facto, Garcia da Orta, além das suas actividades como Médico, tornou-se um comerciante de pedras e tinha plantações de especiarias, produtos que eram muito considerados e de muito valor naquele tempo.

Orta conseguiu enriquecer e possuía mesmo uma ilha em Bombaim, que alguns historiadores identificam como a famosa " Ilha do Amor ", descrita nos Lusíadas de Luís Vaz de Camões.

Existem vários documentos que mostram que Garcia da Orta e Camões eram amigos muito próximos. Camões fora enviado para Goa como condenado pela Justiça ao exílio e o facto de Garcia da Orta estabelecer amizade com ele dá indicação honrosa do seu carácter, bem como o facto de no seu Livro se atrever a publicar um poema escrito pelo condenado Camões, na realidade os seus primeiros versos a serem impressos.

Há cerca de 70 anos atrás foi possível encontrar registos que indicam que Garcia da Orta era casado, ao contrário do se pensou durante muito tempo.

Esta descoberta resultou do estudo dos registos da Inquisição na Ação Judicial contra a Irmã de Garcia da Orta, de seu nome Catarina da Orta, Processo com cerca de 140 páginas. Os historiadores sabem muito bem que tais registos só pode ser parcialmente confiáveis porque, sob as mais excruciantes torturas, os condenados diziam tudo o que os interrogadores tinham em suas mentes obcecadas. Há muitos casos de Registos de infelizes mulheres que chegaram a admitir terem tido relações sexuais com o próprio Diabo! No entanto, datas, locais e nomes encontrados nesses registos podem ser considerados com razoável credibilidade.

Garcia da Orta casou-se com uma parente, Brianda de Salis, natural de Alter do Chão, Alentejo. Ela foi para Goa com o seu Pai, que era o Escrivão do navio Santiago, o mesmo que levou também um monge que se tornaria mais tarde conhecido como S. Francisco Xavier.

Durante os seus interrogatórios Catarina da Orta denunciou parentes e conhecidos e bem pode dizer-se que resultado diferente não era esperar. Contudo, ela retratou todas as

suas declarações quando foi levado para a fogueira.

Brianda da Orta e suas filhas fugiram Inquisição, segundo se crê para a Holanda, a tempo de salvar suas vidas

O Livro (*)

No auge de sua vida activa Garcia da Orta escreveu seu famoso livro " Colóquios Dos Simples e Drogas e Coisas Mediciniais da Índia " (3).

Goa era a Capital do Império Português na Índia e um cadinho muito rico de várias culturas e de muitos povos. Como Médico Garcia da Orta tinha contacto com os seus homólogos Árabes, conhecidos como Hakumas e Hindus conhecido como Vydias. Havia doenças que ele viu pela primeira vez e observou como eram tratadas. A grande variedade de plantas medicinais, secreções animais e minerais usados na terapêutica foi um campo maravilhoso que ele estudou com cuidado e em comparação com o que havia aprendido na Europa. Seguiu várias expedições militares que atingiram lugares distantes, incluindo Ceilão. Orta é na verdade um fruto da expansão e exploração Portuguesas a nível Mundial. Ele mesmo diz isso claramente: "*agora nós aprendemos mais em um dia pelo Português do que o que foi conhecido durante cem anos com os Romanos*".

Na verdade, ele era um observador muito perspicaz e uma mente profundamente inquisitiva.

Durante 30 anos ele estudou e compilou observações e estabeleceu correlações e mentalmente construiu um corpo de pensamentos científicos e de ideias personalizadas. O momento era propício para a escrita.

O seu Livro foi organizado sob a forma de colóquios, o que era bastante comum nesses tempos. Como seu antagonista criou o imaginário Dr. Ruano, um médico espanhol que teria vindo de Lisboa para Goa e durante os seus debates representam duas visões opostas do mundo científico. São realmente os dois personagens presentes em Garcia da Orta - um o homem das Escolas, a partir dos livros bem estabelecida e venerados; o outro o homem que baseia o seu conhecimento na observação, na experimentação e no pensamento independente, a do viajante e do observador, que confrontado com os livros antigos simplesmente diz - *eu vi*.

Nos seus diálogos Ruano representa o pensamento antigo e Orta o conhecimento baseado em factos, levando não só a uma nova percepção filosófica do mundo, mas igualmente a uma nova forma de construir o conhecimento.

Sem hesitação pode dizer-se que a contribuição mais importante para o pensamento humano que decorre dos Colóquios é precisamente este novo paradigma de aprender e de construir ciência.

No seu tempo Garcia da Orta foi, sem dúvida, um dos pioneiros do raciocínio moderno.

O seu livro está organizado em 59 Colóquios cada um lidando com um item de Matéria Medica, apresentado em ordem alfabética, de *Aloae* para *Zerumbet* (gengibre silvestre) Há também um outro aspecto inovador neste livro - foi escrito em Português - em vez

do comum latim científico. O livro foi impresso na Índia e publicado 10 de Abril de 1563 mas, para grande pesar de Orta, estava cheio de erros, possivelmente devido ao facto de ter sido o terceiro livro impresso em Goa. Uma segunda impressão foi publicado no mesmo ano, com muitas correções. Orta conseguiu do Vice- Rei a proteção de direitos autorais por três anos, a partir de 05 de Outubro de 1563. O livro tem uma riqueza de informações, tanto sobre os aspectos botânicos como médicos e seria fastidioso apreciar isso aqui agora. No entanto merece referir que Orta dá a primeira indicação do uso de *Rauwolfia serpentina*⁽⁴⁾ para o tratamento de algumas doenças mentais

Aliás, Orta deu informações muito importantes sobre vários tratamentos, sempre com base na sua própria experiência, que foram altamente consideradas por médicos posteriores.

A primeira tradução foi feita por Clusius e apareceu em Antuérpia em 1567. A tradução espanhola remonta a 1572. A tradução latina de Clusius é repetida em 1579, 1593, 1601, 1605 e 1610. Uma tradução italiana surgiu em 1576 e é repetida em 1582, 1589, 1597 e 1616. Uma tradução francesa apareceu em 1602.

Ao longo dos Colóquios pode-se perceber a sua enorme erudição sobre todos os Autores importantes que o precederam⁽⁵⁾. No entanto, esta sua erudição é subordinada aos *factos*, porque ele só confia no que vê.

Mas o mais interessante são as frases onde Orta afirma o seu pensamento racional. Como exemplo, no Colloquio sobre a resina de benzoína⁽⁵⁾ pode-se ler : "*Não instiles o medo em mim nem com Dioscorides, nem com Galeno, porque eu vou dizer somente a verdade e o que eu sei ...*"

No Colóquio sobre a pimenta, Ruano, receoso, grita: "*Parece-me que destruíste todos os escritores antigos e modernos, mas presta atenção ao que estais fazendo* " e começa a recordar as opiniões de Dioscorides, Plínio, Santo Isidoro, Serapio, Mateus Silvatico, Sepulveda, os monges italianos e todos os que tinham escrito livros de farmácia. Orta, permanecendo calmo, comentou "*que apenas estava dizendo o que muito bem conhecia como uma testemunha ocular* "

A Independência mental de Orta é suficiente para o colocar entre um os precursores da ciência moderna, coloca-lo entre aqueles que não só estudaram nos livros, mas aprenderam a olhar para o mundo da experimentação e observação e sempre mantiveram a mais exigente probidade.

*

* *

Garcia da Orta faleceu em Goa, a 4 de Dezembro de 1580.

Os historiadores não podem produzir documentos de apoio para o facto de ele ser um Cristão-Novo com o comportamento religioso impecável, como alguns dizem, nem podem comprovar que secretamente seguia a religião de seus antepassados. De qualquer forma isso não é uma questão muito relevante.

No julgamento da Inquisição de sua irmã Catarina há referências ao facto de que sua Esposa o terá feito um funeral católico, mas com a introdução de alguns ritos judaicos,

mas os registros da Inquisição devem ser interpretados com muita cautela.

A Inquisição na Índia era muito activa e durou até 1812 (dois séculos e meio) só terminando quando os britânicos invadiram Goa, durante as guerras napoleônicas. Durante esse longo período, a Inquisição perseguiu Cristãos-Novos, bem como as populações locais convertidas ao catolicismo. Diz-se que 39 000 pessoas morreram pelo fogo e parece que quase todos - se não todos na verdade - pelo simples facto de manter crenças religiosas diferentes, quando não vítimas de denúncias falsas.

Doze anos após sua morte, Garcia da Orta foi julgado pela Inquisição e considerado culpado e teve seus restos mortais exumados e reduzido a cinzas pelo fogo!

As cinzas foram lançadas às águas.

Garcia da Orta, sem dúvida, merece toda a nossa consideração.

Miguel Angelo Salema
Médico

NOTAS DE FIM DE PÁGINA

(*) <http://purl.pt/22937/3/#/0> BNP – permite “folhear” a magnífica obra de Garcia da Orta

⁽¹⁾O Conde de Ficalho foi um ilustre membro da nossa Sociedade. “Neto de Duques, filho de Marqueses” elemento dos “Vencidos da Vida” decidiu impor-se pelo seu talento e não pelo cargos de inerência à sua alta linhagem. Foi destacado Lente da Escola Politécnica de Lisboa. Serviu a Côrte, com o seu seu intelecto, saber e cultura, tendo sido encarregue de várias missões de grande responsabilidade no estrangeiro. Diz-se que D. Carlos, ao saber da morte deste personagem ilustre terá dito “E agora que o Francisco morreu, quem é que eu vou mandar ao estrangeiro?”

Escreveu a profunda e erudita obra “Orta, Garcia de. *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia [Goa, 1563]*, dir. e notas por Conde de Ficalho, 2 vols. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa/Imprensa Nacional, 1891-1895. E outra mais reduzida “Garcia da Orta e o seu tempo. Reprodução fac-similada. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1886”

(2) Doce feito de laranjas e limões.

⁽³⁾ O Título completo tal como apareceu na primeira edição era:

Coloquio dos simples, e drogas he cousas medicinais da Índia, e assi dalguãs frutas achadas nella ond se tratam alguãs cousas tocantes amedicina, pratica, e outras cousas boas, pêra saber cõpostos pelo Doutor garcia dorta:físico del Rey nosso senhor, ho licenciado Alexos diaz:falcam desenbargador da casa da supricaçã inquisidor nestas partes.

Com privilegio do Conde viso Rey.

Impreso em Goa, por Joannesde endem as x. Dias de Abril de 1563 annos.

(4) As raízes desta planta possuem um alcaloide chamado reserpina. Preparados destas raízes eram usados na Índia desde tempos longínquos e vulgarmente conhecida por “erva da loucura”. Era, também, correntemente utilizada para mordeduras de serpentes e escorpiões.

Só em 1943 é que os efeitos deste alcaloide foram conhecidos no Ocidente, através de um artigo publicado por um médico indiano. Na década de 1950 foi a molécula estudada e mesmo sintetizada nos USA, tendo sido aproveitada pelas suas características anti-hipertensoras. Ainda hoje é usada em vários países, para esse fim e para tranquilizante (preferido por Mahatma Gandhi. A colheita intensiva da planta levou recentemente à sua inclusão nas listas da CITES.

(5) Autores referidos nos Colóquios:

Charaka, Hippocrates, Aristoteles, Theophrastus, Dioscorides, Claudius Galenus, Aetius Amidenus, Paulus Aegineta, Joannes Actuarius, Cornelius Celsus, Plinius Secundus, Marcellus Emoiricus, Matthaeus Platearius, Mesuré Senior, Rasis, Mesuré Junior, Isaac Judeus, Avicena, Haly Rodoam, Serapion Junior, Avenzoar, Averroes, Simon de Cordo, Matthaeus Sylvaticus, Christopher Honestus, Hermolaus Barbarus,

Antonius Guainerus, Simphorianus Champerius, Michael Savoronola, Nicolaus Leonicens, Johannes Manardus, Johannes Ruellius, Amatus Lusitanus, Valerius Cordus, Matthiolus, Lacuna, Leonhardus Fuchsius, Antonius Brasavola, Ferdinandus Sepulveda, Vesallius, Ulrich von Hutten, Herodoto, Santo Agostinho, Santo Isidoro de Sevilha, Antonio Lebrija, Pic de Mirandole Francisco Tamara, Fr. Domingos Mexia, Gonzalo de Oviedo, Ludovico Varthema, Gaspar Barreiros.

(6) A chamada resina de benzoína é um exsudado sólido da casca de árvores do género *Styrax*. A tintura de benzoína tem propriedades antissépticas e regenerativas e é usada em pequenos ferimentos.

A resina de benzoína é também usada em cosmética

